

*A história como possibilidade significa nossa recusa em aceitar os dogmas, bem como nossa recusa em aceitar a domesticação do tempo. Os homens e as mulheres fazem a história que é possível, não a história que gostariam de fazer ou a história que, às vezes, lhes dizem que deveria ser feita.*

(Paulo Freire in: Giroux, 1997: xi)

Em resposta às minhas perguntas iniciais, desenvolvi no capítulo anterior uma discussão sobre alguns aspectos relevantes para o processo de pesquisa vivenciado ao longo deste trabalho, assim como apontei alguns possíveis encaminhamentos e/ou contribuições para futuras pesquisas. Neste capítulo apresento minhas conclusões sobre a construção de significado que se deu durante todo o engajamento com o curso de mestrado, com o projeto IBEU 2003, e com esta presente pesquisa. Portanto, adoto um estilo ainda mais pessoal do que o já usado em capítulos anteriores.

Concluo aqui mais uma etapa de um contínuo processo de aprendizagem que jamais será dado por encerrado nem mesmo no momento da defesa da dissertação. A Lingüística e a Lingüística Aplicada são, mais uma vez, as responsáveis pela inserção de uma pedagoga em uma nova área de conhecimento. O primeiro grande passo para a caminhada na Lingüística foi dado ao analisar o conceito bakhtiniano de *voz* fazendo um contraponto com as contribuições da sociolingüística de Hymes. Com a minha *voz* e com as *vozes* dos outros estou construindo conhecimento na Lingüística.

Apesar de estimulante, o processo de construção de conhecimento não é fácil. Foi necessário me despojar de qualquer receio do novo, e o novo foi algo presente intensamente na minha vida nesses últimos anos. Como disse anteriormente, estava envolvida em uma nova área de atuação acadêmica, exigindo uma responsabilidade de pesquisa presente em um curso de mestrado. Profissionalmente, estava engajada em um projeto empreendedor, e não demorou muito para estar trabalhando em uma nova função dentro da instituição. As dificuldades e desafios estavam presentes no doloroso compromisso de escrever. Pareceu insuperável; foram muitos os rascunhos, muitas as horas passadas na frente do computador sem escrever uma só palavra, várias as noites sem dormir por ser extremamente crítica com o meu próprio processo

de aprender a escrever. Não encontrava o equilíbrio entre a minha própria *voz*, a *voz* dos autores lidos e a *voz* da academia. Alguns podem achar desnecessário mencionar, mas o novo também esteve presente na vida pessoal. De repente, quanta diferença: uma nova cidade, uma nova casa dentre muitos outros novos eventos colaboradores do processo de autoconhecimento e de construção de saber.

Ao explorar meu contexto em sua totalidade busco perspectivas diferentes de perceber o meu trabalho de pesquisa. É na tomada de consciência sobre o meu papel que afirmo ter aproveitado ao máximo cada etapa vivida, e, hoje, me sinto revigorada e pronta para dar continuidade ao processo de experimentar e de refletir sobre as sensações, os resultados, as frustrações, os medos, os sucessos, as crenças, os preconceitos, as pré-concepções, ou seja, as experiências como um todo.

Termino minha jornada investigativa com uma metáfora que acompanhou o processo de pesquisa aqui descrito e que exemplifica de maneira especial a minha experiência dialógica com meu *corpus*.

Em uma das aulas do TESOL *Certificate Course*, participamos de uma atividade para que experimentássemos o ato de si observar. Tínhamos um vaso com flores no centro de um círculo e precisávamos descrever o que estávamos observando durante aproximadamente 20 minutos. Passados 5 minutos, estava irrequieta sentindo necessidade de entrar em contato, de formas diferentes, com aquele vaso de flores. Foi então que levantei do círculo e observei o vaso do outro lado da sala de aula. Em seguida me aproximei do vaso e toquei as folhas, as flores, a terra – na verdade enfiei o dedo na terra - queria ter contato para tentar descrever a textura das coisas que estavam relacionadas ao vaso de flores. Não satisfeita, segurei o vaso nas mãos e cheirei as flores, era necessário conhecer o peso e o cheiro de tudo que envolvia o objeto sendo observado. A figura a seguir representa as experiências obtidas ao dialogar com o *corpus* e simbolicamente também representa todas as experiências que anseio viver.

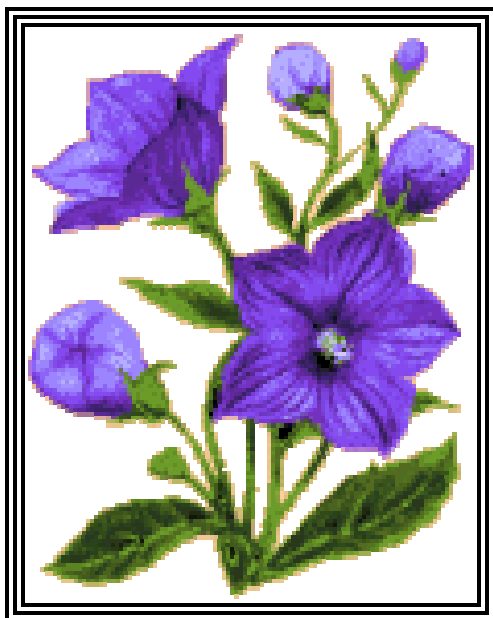


Figura 4: Metáfora